

Valor Econômico, 04 de dezembro de 2020

Piora da pandemia é alerta para 2021, diz professor da UFRJ

Questão sanitária, além do problema fiscal, é crucial para retomada continuar, segunda Francisco Eduardo Pires de Souza

Por: Anais Fernandes

O recrudescimento da pandemia no Brasil no fim de 2020 é um alerta importante para a economia do país e como ela pretende “navegar” pelo próximo ano. Somada ao problema fiscal, que precisa ser percebido pelos agentes econômicos como equacionado no longo prazo, a questão sanitária é fator crucial para a recuperação chegar a 2021, mas, por ora, seu encaminhamento preocupa. Esta é a avaliação de Francisco Eduardo Pires de Souza, professor do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Para ele, o crescimento de 7,7% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro no terceiro trimestre não ficou tão abaixo das expectativas (alta de 8,8%, segundo o Valor Data), já que revisões importantes na série histórica afetam a base de comparação. Além disso, Pires de Souza diz que o resultado mostra uma economia caminhando em linha com o padrão mundial. “A queda do PIB acumulada no segundo e terceiro trimestre é de 2,6% para o Brasil e de 2,5% para a média da OCDE [Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico]. Vemos como a covid-19 foi o fator dominante para explicar a economia em toda a parte”, afirma.

Também como em outros países, a atividade brasileira no terceiro trimestre demonstrou ter dois grupos em situações distintas, observa o professor. Embora todos os principais setores tenham crescido, existem aqueles que praticamente voltaram ao nível pré-pandemia - como a indústria da transformação e o comércio, beneficiados pelo auxílio emergencial -, enquanto outros seguem “travados” por restrições sanitárias, a exemplo dos serviços.

Pires de Souza destaca “outras atividades de serviços”, categoria que inclui hotéis, educação privada, serviços domésticos, entre outros. “Ainda está 10,4% abaixo do nível pré-pandemia e deve continuar assim no próximo trimestre. Esses setores funcionam como uma trava para a recuperação da economia e, para eles, só a vacina resolve de fato, não vai ser exclusivamente por meio de política econômica.” O economista projeta um PIB ao redor de 1,5% no quarto trimestre.

A questão central é que “política de saúde passou a ser também uma política econômica”, afirma o professor. “Se tivermos um enfrentamento bom, eficiente da questão sanitária, avançando com a vacinação para todos em poucos meses, vai ter um efeito muito importante na economia”, diz ele, em referência a 2021.

Se a vacinação no Brasil tiver início em janeiro, o economista vê chances de esses setores “parcialmente interditados” começarem a voltar ao normal em abril ou maio. “Eles são altamente intensivos em mão de obra, então a questão do emprego também passa por resolver a saúde.”

Mas, se o Brasil se aproxima do grupo de países desenvolvidos na matemática do PIB, no âmbito sanitário a perspectiva é diferente. “Vejo com preocupação questões políticas envolvendo a vacina, a falta de medidas claras. Já era para estarmos com um plano [de vacinação] detalhado pronto, como acontece no Reino Unido, na Alemanha. Os países já estão prontos para começar e aqui ainda parecemos longe disso.”

“Não importa muito agora o nome, se é segunda onda ou não, fato é que há um recrudescimento importante da covid-19 no Brasil que já está levando várias restrições a voltarem. Ainda que não seja de forma tão severa como no início do ano, gera incerteza. A saúde se tornou uma questão primordial para a gente analisar evolução econômica”, afirma. Ele projeta uma queda ao redor de 4,5% para o PIB do Brasil em 2020, com crescimento de 3% no ano que vem.

O cenário para 2021, no entanto, depende ainda de como será enfrentado o problema fiscal. “Tivemos gastos gigantescos em 2020 e isso tem que ter um bom encaminhamento. Ainda devemos ter gastos excepcionais no início do próximo ano, pensando até na questão da saúde, mas precisa haver um bom equacionamento”, diz o economista. Esse “equacionamento” passa, segundo ele, pela política, envolvendo governo e Congresso. “Na

questão fiscal, não é tanto ajustar as contas públicas a curto prazo, mas ter um horizonte de longo prazo equacionado. Isso pode vir de diferentes maneiras, não quero escolher essa ou aquela proposta. Mas precisa ser resolvido, só que até agora só vemos conflitos.”

A percepção de que o futuro fiscal do Brasil está sob controle é importante também para ajudar a manter as taxas de juros (ao menos as de curto prazo) em patamares historicamente baixos, “uma das coisas mais importantes” que o país conquistou nos últimos tempos, segundo o professor da UFRJ. Para ele, há razões para crer que a aceleração da inflação neste ano possa ser um “choque temporário”, com chance de arrefecer no início de 2021, o que não forçaria o Banco Central a promover um aperto monetário além das expectativas.

São as taxas de juros que têm ajudado um setor como o da construção, que, por sua vez, dá fôlego aos investimentos, observa Pires de Souza. “O investimento, em geral, vai se recuperar lentamente. Investimento em construção civil é o que vem crescendo mais, por diversas razões, incluindo os juros baixos. Essa é uma situação que tende a continuar”, diz.

A categoria de máquinas e equipamentos, outro componente da Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF), também se recupera, mas esbarra na elevada capacidade ociosa. “Não vejo as empresas retomando investimentos de forma significativa, até porque o nível de produção ainda é baixo. Até ter um nível de demanda que justifique novos investimentos em grande escala Além disso, boa parte do próximo ano ainda será de muita incerteza em relação ao futuro da economia, o que trava investimentos. Daí, novamente, vemos como uma vacina é importante para o crescimento em 2021.”

Link original: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2020/12/04/piora-da-pandemia-e-alerta-para-2021-diz-professor-da-ufrj.ghtml>